

XUL SOLAR E  
ISMAEL NERY  
entre outros  
místicos modernos

Sobre o *revival*  
espiritual



Maria Bernardete Ramos Flores

XUL SOLAR E  
ISMAEL NERY  
entre outros  
místicos modernos

Sobre o *revival*  
espiritual

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Flores, Maria Bernardete Ramos

Xul Solar e Ismael Nery entre outros místicos modernos : sobre o *revival* espiritual /  
Maria Bernardete Ramos Flores. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-491-5

1. Arte 2. Artes plásticas 3. Espiritualidade 4. Literatura 5. Modernismo (Arte) 6.  
Movimentos artísticos 7. Vanguarda (Estética) I. Título.

17-10521

CDD-700.1

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Movimentos revivalistas : Arte : Ensaio 700.1

*capa e projeto gráfico:* Vande Rotta Gomide

*imagem:* Detalhe da obra: *Tapiz*, Xul Solar, 1919.

Aquarela sobre cartolina (16 x 12 cm; montagem 19 x 14,2 cm)

Derechos reservados Fundación Pan-Klub – Museo Xul Solar

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

revisão final da autora

apoios institucionais

para esta publicação:

**CAPES e CNPQ**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**FEVEREIRO / 2018**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## Sumário

PREFÁCIO ( <i>Maria Lúcia Bastos Kern</i> ) . . . . .	7
NOTA SOBRE A ORIGEM DOS CAPÍTULOS . . . . .	15
À GUIA DE INTRODUÇÃO: SOBRE OS MÍSTICOS MODERNOS, A PROPÓSITO DE XUL SOLAR . . . . .	21
<i>A teosofia – O artista plástico – Os San Signos – Paisagens místicas – Do revival espiritual</i>	
<b>Capítulo 1</b>	
SOBRE A VUELVILLA DE XUL SOLAR: TÉCNICA E LIBERDADE NO REINO DO ÓCIO OU A REVOLUÇÃO CARAÍBA . . . . .	45
<i>Quando os fusos trabalharem sozinhos – Mestizos de avión y gente A Revolução Caraíba – O pensamento antropofágico</i>	
<b>Capítulo 2</b>	
QUANDO O DRAGÃO ASSUME O LUGAR DO CAVALO. UM CARÁTER PÓS-COLONIAL NA OBRA CRIOLLA DE XUL SOLAR . . .	71
<i>A mexicanidade – O criollismo de Xul Solar – A serpente e o mundo novo Deuses e códices – O Novo Mundo-América</i>	
<b>Capítulo 3</b>	
XUL SOLAR E O BRASIL: SOBRE UMA BIBLIOTECA MUITO PARTICULAR . . . . .	95
<i>2 años y 229 libros – Xul Solar e os modernistas brasileiros O recuo das vanguardas – Coleção Brasileira – A nova raça I A nova raça II – Aonde se cruzam língua nacional e utopia da linguagem – Epílogo</i>	

#### **Capítulo 4**

ANDROGINIA E SURREALISMO A PROPÓSITO DE FRIDA E ISMAEL. . . . .	131
<i>Sexo artístico por excelência – A androginia na imaginação moderna</i>	
<i>A potência do feminino – O casal amoroso – Tensão e harmonização</i>	

#### **Capítulo 5**

O HOMEM DO CRAVO VERDE OU O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME: SOBRE HOMOEROTISMO NO <i>FIN-DE-SIÈCLE</i> . . . . .	155
<i>O homem do cravo verde – Homoerotismo místico –</i>	
<i>O amor que ainda não tem nome</i>	

#### **Capítulo 6**

TEMPO E DESTEMPO NOS ANDRÓGINOS DE ISMAEL NERY . . . .	173
<i>O terror da história – Um artista anacrônico – O retorno do andrógino</i>	
<i>O poeta visionário – O corpo humano como estojo da alma – O Cristo andrógino – Os irmãos mitológicos – Por uma história do repetitivo?</i>	

#### **Capítulo 7**

O CORPO DAS IMAGENS DE JESUS NO MODERNISMO: A PROPÓSITO DO ESPIRITUAL NA ARTE . . . . .	209
<i>Sobre o revival espiritual – O retorno à Idade Média</i>	
<i>Cristo na arte modernista</i>	

#### **Capítulo 8**

A VOZ DO SILÊNCIO NA ARTE DE EDWARD HOPPER. OU A MODERNIDADE DESENCANTADA. . . . .	231
<i>O spleen do sonho norte-americano – Quadros da natureza</i>	
<i>Os fantasmas de Hopper – O pintor do silêncio</i>	

#### **Capítulo 9**

DIZER A INFELICIDADE, NA ESCRITA ANTROPOFÁGICA DE PAGU . . . . .	259
<i>A poetisa maldita – Dizer a infelicidade</i>	
<i>Estátua que se desmorona – Exílio</i>	

## Prefácio

Maria Bernardete Ramos Flores nos contempla nesta publicação com um conjunto de estudos referentes aos artistas argentino e brasileiro – Xul Solar e Ismael Nery e outros ensaios – que tem como problemática central analisar o *revival* espiritual no Modernismo. A autora focaliza a noção de *revival* de Giulio Carlo Argan que acredita na sua origem religiosa, porém verifica a passagem do âmbito religioso para o estético e justifica que a arte estaria “ligada a uma concepção mítico-religiosa do mundo e da vida”. Ela considera o *revival* como fenômeno do passado, mas que atua no presente e se aproxima da concepção de Walter Benjamin para pensar a história e o tempo. A memória do passado não se conclui e continua produzindo seus efeitos no presente.

Xul (1887-1963) e Ismael (1900-1934) pautam as suas trajetórias na acepção mítico-religiosa de vida e de arte, fenômeno recorrente no meio intelectual e artístico, na transição do século XIX e das primeiras décadas do século XX, quando a modernidade estética está sendo processada. Nesse momento, alguns artistas de vanguarda europeus têm como uma de suas metas a criação de um novo homem e a solução da crise espiritual gerada pelo cientificismo, materialismo e pela “morte de Deus”.

A autora focaliza a arte concebida como meio de solucionar a crise do homem moderno diante do pessimismo em relação às possibilidades da filosofia e da ciência. Os artistas defendem a tese de que a arte é portadora de um pensamento filosófico e tem a missão de criar um novo homem, ao atribuírem a ela a função metafísica de atingir o absoluto. Deste momento

em diante, os pensamentos de Schopenhauer e de Nietzsche<sup>1</sup> são significativos no sentido de prolongar e reafirmar o mito, o qual acompanha a luta dos artistas em prol da busca da essência da arte, de sua autonomia e do universal, fazendo da religiosidade um princípio de militância e estímulo criador, e adotando um pensamento místico como meio de superar o pessimismo e encontrar soluções para a crise espiritual.

A defesa da arte como reveladora de verdades transcendentais, inacessíveis ao saber intelectual é praticada desde o Romantismo, como uma espécie de reação ao racionalismo Iluminista, baseada na crença de que a arte ocupa, com o saber que lhe é próprio, o mesmo lugar que no passado estava reservado à religião. A afirmação da interioridade do gênio conduz a arte à arbitrariedade do subjetivismo e à pluralidade de expressões plásticas, que legitimam a missão das vanguardas,<sup>2</sup> segundo uma visão mítica do fazer artístico e de suas potencialidades de transformação da existência humana.

Ao considerar as questões mítico-religiosas, a autora analisa a trajetória e a obra dos dois artistas e suas representações simbólicas que evidenciam a trama de memórias e reminiscências de tempos distintos, nos quais se cruzam tempos recentes com diferentes passados. No caso de Xul Solar são os dragões e as serpentes que revelam complexos significados que ao se conectarem com outros símbolos de variadas procedências míticas, fazem sobretudo referências às culturas e aos mitos ancestrais e às poéticas contemporâneas. Xul busca nas artes e práticas culturais pré-colombianas subsídios para a criação de nova arte que juntamente com a invenção da língua *neocriollo*<sup>3</sup> permita atingir a unidade da América Latina e o surgimento de novo homem espiritual. Para ele, face às guerras no continente europeu, o Novo Mundo passa a ser concebido como o *locus* do qual deveria emergir o novo homem americano. Maria Helena Blavatsky, criadora da Teosofia, acredita também que “novas raças estão se preparando para serem formadas”, sendo “na América que terá lugar a transformação que começou silenciosamente”. Maria Bernardete estabelece complexa análise, na qual articula os textos visionários do argentino com fundamentos ocultistas e míticos,

- 
1. Sobre este tema, vide Schaeffer, Jean-Marie (1992). *L'Art de l'âge moderne*. Paris: Gallimard. Rochlitz, Rainer (1994). *Subversion et subvention*. Paris: Gallimard.
  2. Schaeffer, J. M. (1996). *Les célibataires de l'art*. Paris: Gallimard, pp. 9-10.
  3. Mistura inicial de termos em espanhol e português, acrescidos mais tarde de guarani e inglês.



para pensar os seus projetos utópicos para a América Latina e suas pinturas, porém sem deixar de conectar com o seu domínio de diferentes campos de conhecimento, suas pesquisas científicas, filosóficas e religiosas, que são confrontadas com o pensamento de intelectuais e artistas contemporâneos e de distintos passados.

Se por um lado, o artista tem como mote de seu processo criativo a espiritualidade, por outro, é um entusiasta do crescimento tecnológico, da mecanização do mundo moderno, da literatura ficcional, da literatura filosófica e publica artigos, nos quais apresenta seus projetos e convicções relativas ao estreitamento de relações entre religião, arte e ciência. Xul é também linguista, intelectual e pesquisador, cuja biblioteca é composta por 3.500 livros adquiridos durante sua estadia na Europa (1912-24) na língua original – alemão, russo, francês, inglês, italiano, português, espanhol – e, posteriormente, na Argentina.

A autora estabelece relações entre esse artista e os intelectuais modernistas brasileiros, a aproximação de seus ideais e projetos, sem deixar de analisar seus textos, livros e artigos, além de suas poéticas. Para Oswald de Andrade foi a descoberta do homem americano que inspirou os europeus a criarem um gênero literário utópico, pois já “nascemos como novo homem”. Ambos acreditam que a América dá ao mundo convulsionado pela guerra o modelo de convivência, fraternidade e respeito às diferenças étnicas. O interesse de Xul a respeito do modernismo brasileiro revela-se pelo grande número de livros em sua biblioteca e pelo acompanhamento de notícias que chegam por intelectuais e revistas argentinos.

Xul Solar e Ismael Nery, dois artistas visionários e profundamente espiritualistas e místicos, convivem em suas sociedades com processos de modernização urbano, social e econômico, compõem grupos de intelectuais nos quais os debates são intensos em prol da arte moderna como a construção da nação e de nova identidade cultural, mas nem sempre são bem compreendidos por seus contemporâneos. Suas obras e pesquisas se afastam das poéticas vigentes e, por isto, são só mais recentemente valorizadas, graças às inúmeras exposições e estudos que têm sido realizados.

A autora analisa a obra de Ismael Nery tendo como questão inicial a androginia, que é tratada em paralelo à pintura da mexicana Frida Khalo (1907-1954), “Diego y yo”, na qual integra o carnal e o espiritual, presente em diferentes cosmogonias que fazem referência ao masculino e feminino,

como manifestação da dualidade cósmica. Ela faz de suas representações narrativas relativas à sua própria vida pessoal e à difícil relação que mantém com Diego Rivera. Nery também representa a fusão sexual nos seus autorretratos com Adalgisa, porém de forma distinta, visto tratar a dualidade entre outras questões, tais como: divino e satânico, místico e erótico, ele e Murilo Mendes, ele e Cristo.

Maria Bernardete recorre às origens do mito do andrógino até o pensamento moderno para refletir como cada artista assume suas posições e abordagens, num momento em que a alteridade era muito discutida entre os intelectuais. A questão da origem é considerada pela autora na acepção de Walter Benjamin, pois não significa o nascimento, mas o que está inacabado e que reaparece de forma nova e diferente. Ela procura analisar os fenômenos na longa duração da história, não como fonte ou gênese, mas como novidade e repetição, que reaparece constantemente.

Para ela, Frida simboliza a renúncia da diferença, enquanto para Nery a androginia estaria vinculada ao seu sistema filosófico de ordem espiritual, em que concilia arte e religião, estética e misticismo, corpo e alma. A androginia aparece na representação de Cristo, está também conectada com a doutrina mística de Emanuel Swedenborg e com a promessa de felicidade.

Em outro ensaio, a autora discorre sobre o debate relativo à questão da homossexualidade masculina, no final do século XIX, por ocasião do processo de Oscar Wilde e a emergência do esteticismo erótico nas artes e na literatura, além de elencar as considerações médicas e científicas efetuadas na época. Para muitos intelectuais, a homossexualidade era identificada em pessoas dotadas de capacidade cognitiva superior, criatividade artística e caráter visionário. Na prisão Wilde encontrou na leitura dos Evangelhos a resposta entre espiritualidade e arte, e a descoberta da conexão entre a verdadeira vida de Cristo e a verdadeira vida do artista. À estética erótica integra-se à espiritualidade, baseada no niilismo, marcada pelo pensamento de Schopenhauer e de Nietzsche. O primeiro é adotado pelo pessimismo diante da determinação de Eros e, o segundo, por perceber o mundo como destruição e criação permanentes. Mais tarde, Georges Bataille concebe o erotismo, a morte e o sagrado como questões indissociáveis que se manifestam na arte.

A partir da história das ideias, das religiões e das artes, a autora procura iluminar todos os ângulos de seu objeto de estudo e interpretá-lo com

bases mais sólidas, sem deixar de analisar o contexto e as condições de criação, e as relações com obras de outros artistas de vanguarda, sobretudo, aqueles dotados de pensamento espiritual, diante do pessimismo vigente no mundo moderno.

O estudo tem continuidade com a abordagem da noção de arte como montagem de distintas memórias, nas quais as novas poéticas são criadas e as questões de identidade são reivindicadas tanto por Nery como por Xul. Nas obras dos dois artistas é o anacronismo que se manifesta pela relação singular com o tempo que não pode ser pensada apenas pelo *revival*, mas pela trama tempos que se cruzam e que coexistem entre si. A imagem é dotada de muitos passados e também futuros. Estudos recentes evidenciam que diante da imagem os tempos coexistem e revelam a sua complexidade, seus diferentes estratos se cruzam e se contradizem. Cinema, fotografia, publicidade, artes revelam as sobrevivências, os anacronismos e os reencontros de temporalidades contraditórias e descontínuas que compõem as imagens nas suas montagens, ao apresentarem a tessitura de resíduos, traços e vestígios de tempos distintos, de nossa memória inconsciente.

Para aprofundar o entendimento da manutenção do pensamento espiritual, no início do século XX, entre artistas modernos, a autora foca ainda as convicções de Georges Rouault (1871-1958) e Albert Gleizes (1881-1953), conectadas com a religiosidade, com movimento de renovação católica e, o último, com as filosofias de Henri Bergson e Jacques Maritain. Os dois artistas evidenciam o pessimismo em relação à modernidade e ao individualismo dominante, bem como o temor que a instabilidade política e econômica conduza a novos conflitos militares. Como artistas sensíveis que convivem com a queda dos ídolos, as suas obras revelam suas reflexões e seus temores. A autora conclui com o pensamento do argentino Luis Juan Guerreiro que defende a concepção de arte como o exercício de uma capacidade operatória, que requer do artista a incessante reflexão, devido ao desaparecimento da criação como caráter divino e, eu acrescentaria, à convivência de um mundo convulsionado por tensões e conflitos.

No penúltimo ensaio, a autora analisa o silêncio na pintura do norte-americano Edward Hopper (1882-1967) e se reporta as obras de artistas e intelectuais nas quais esse é evocado, como o caso da pintura de Giorgio De Chirico, à filosofia de Ortega y Gasset, de Max Picard, ao pensamento de Susan Sontag. Para ela, o silêncio se impõe como reverso do mundo mo-

derno, identifica-se com o vazio, com a ausência do nada e o nada. Hopper representa de forma realista e muito imaginativa as suas visões críticas a respeito da modernidade, seu descontentamento e as contradições do progresso. É o sentimento de vazio, de solidão, de melancolia e de incapacidade de contato pessoal que ele evoca nas telas, em suma é a sua visão da vida moderna norte-americana. Ele contrapõe a paisagem rural anterior à industrialização com a paisagem urbana moderna, representa os avanços tecnológicos, o progresso e as ruínas da industrialização, revelando certa nostalgia do passado. Hopper faz leituras de filósofos espiritualistas, como Ralph Waldo e H. Bergson, mas não faz destes os seus seguidores. Prefere evocar Freud para expressar o seu mundo interior, seus fantasmas, suas angústias e suas lembranças enterradas.

Por fim no último ensaio, Maria Bernardete analisa a trajetória sofrida de vida da jornalista e poetiza Patrícia Galvão (1910-1962), mais conhecida como Pagu, escritora modernista e militante política que assumiu atitudes transgressoras como mulher, nas primeiras décadas do século XX, e esteve presa por várias vezes na França e no Brasil. A autora tem como objetivo analisar parte da obra literária de Pagu e procurar a compreensão de seu pensamento, nos momentos de contínua tensão, resistência e engajamento político. Ela busca ainda configurar a “cartografia da dor no espaço de sua escrita”, a partir da metodologia de Michel Foucault utilizada no estudo realizado sobre Antonin Artaud. Segundo Foucault, o intelectual francês internado no Asilo de Rodez, recusa a linguagem como discurso e retoma na “violência plástica do choque, remetida ao grito, ao corpo torturado, à materialidade de seu pensamento”. Maria Bernardete tem a meta de analisar ainda a escrita de Pagu, como forma reflexiva-narrativa-poética que equivale à utopia da linguagem e ao seu desejo de mudar o mundo, apesar de sua dor acompanhar as suas expressões poéticas até o final de sua vida, sem conseguir concretizar seus objetivos.

A partir desse elenco de considerações a respeito do presente estudo efetuado pela autora, pode-se verificar a profundidade e a complexidade das distintas questões analisadas em cada ensaio, das diferentes abordagens realizadas e dos problemas suscitados. Ela nos contempla com excelente publicação que renova a historiografia com novas interpretações relativas aos movimentos modernos nas artes e a alguns dos importantes protagonistas, sobretudo, na Argentina e no Brasil, ao estabelecer uma trama de enfoques

de diferentes campos do conhecimento, sem se satisfazer com respostas fáceis. O modernismo enfocado não enfatiza o discurso do novo e do original dos protagonistas, mas os seus descontentamentos, suas angústias e apreensões relativas ao mundo moderno, que se descortina permeado tanto pelo progresso material, como pelos problemas que se apresentam ao longo dos ensaios. É o desmonte do pensamento racional que é analisado ao longo dos ensaios e a percepção de fragilidade da civilização e a necessidade de espiritualidade e religiosidade humana face às crises e instabilidades do mundo moderno, identificadas por Freud no *Mal-estar da cultura* (1930). A modernidade prometia, segundo Zygmunt Bauman, trazer o tipo de clareza e transparência para a vida humana, que só a razão poderia oferecer, mas isto não aconteceu. Atualmente, verificam-se as ambiguidades da modernidade e os problemas oriundos da supervalorização da razão e da ciência que em seu nome produziram o holocausto.

*Maria Lúcia Bastos Kern*

Porto Alegre, 17 de agosto de 2017.